

Horizonte: Garnier, 2006.  
SOARES, João S. *Latim I - iniciação ao latim e à civilização romana*. 3ª ed.  
Coimbra: Almedina, 1999.

#### Bibliografia de Apoio

VALENTE, André. *Produtividade lexical: criações neológicas*. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e GAVAZZI, Sigrid (org.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.  
\_\_\_\_\_. *Neologismos literários em romance de Mia Couto*. In: VALENTE, André (org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

#### Notas

- <sup>1</sup> Esses processos serão abordados no item 2.
- <sup>2</sup> Os etruscos dominaram Roma no século VI a. C.
- <sup>3</sup> Radical *-fac-*, que sofreu apofonia.
- <sup>4</sup> Alguns gramáticos consideram a aposição de prefixo como composição em vez de derivação, mas não entraremos no mérito dessa questão, por não ser relevante para este trabalho.
- <sup>5</sup> Substrato é uma “língua que em dado território foi substituída por outra, ger. do povo conquistador, deixando nesta traços perceptíveis.” (HOUAISS, 2001)
- <sup>6</sup> Essa aceção provavelmente se deu por analogia.
- <sup>7</sup> *Idem*.
- <sup>8</sup> **Verbos depoentes** são aqueles que apresentam forma passiva, mas que possuem significado ativo.
- <sup>9</sup> (HOUAISS, 2001).
- <sup>10</sup> *Idem*.

ECO E NARCISO  
Prof. Dr. Amós Coelho da Silva (UERJ)

#### RESUMO:

Na Grécia, Eco, um ponto de encontro para múltiplos mitos etiológicos, porque esclarecem, por exemplo, a origem do eco, é a ninfa dos bosques e das fontes. Uma possível significação de ninfa é o seu vir a ser que é o próprio existir da natureza, já que morre e renasce, constantemente. De modo geral, as ninfas povoam os campos, os bosques e as águas. Ovídio (43 a. C. a 18 d. C.), nas *Metamorfoses*, nos dá uma versão do mito de Eco e Narciso, cuja etimologia é: *Narciso, do grego Νάρκισσος, (Nárkissos), - 'narke' significa "entorpecimento, torpor" (...) 'nárke', uma base etimológica de nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com elemento 'narc-'. Liríope, ao dar à luz Narciso, consultou Tirésias, que dava para o povo respostas oraculares irrepreensíveis, sobre a felicidade futura da criança, o vate respondeu: "Si se non nouerit / uiderit, se ele não se conhecer / vir.*  
**Palavras-chave:** Eco; Narciso; narcisismo.

#### 1 – Introdução

*Entre os maias, Eco é um dos atributos do grande deus ctôniano, o Jaguar.* (CHEVALIER & GHEERBRANDT, 1994: ECO). É o jaguar elemento mítico emblemático da cultura maia e, em geral, dos índios da América do sul; esse atributo divino é o de ser um deus ctônio, relacionado às montanhas, aos animais selvagens, em especial, ao tapir, que é equivalente simbólico da serpente entre os maias (*Ibidem*), e, de modo curioso, ao *tambor*, cujo simbolismo está estreitamente vinculado à caverna, à gruta e à matriz. Concluindo com Junito Brandão (1987: 179): *Em síntese, o tambor é o "eco" sonoro da existência.*

Na Grécia, Eco, um ponto de encontro para múltiplos mitos etiológicos, porque esclarecem, por exemplo, a origem do eco, é a ninfa dos bosques e das fontes. Uma possível significação de ninfa é o seu vir a ser que é o próprio existir da natureza, já que morre e renasce, constantemente. De modo geral, as ninfas povoam os campos, os bosques e as águas. São a energia canalizada para uma eterna juventude, já que *não são imortais e vivem tanto quanto uma 'palmeira', ou seja, 'cerca de dez mil anos'* (BRANDÃO, 1991: NINFA) São classificadas como divindades menores, porque não têm moradia no Olimpo e conforme o *habitat*, temos como as Náíades, cujo nome “provém de ‘nân’, escorrer, correr”” (*Idem*: NÁIADES), são divindades das fontes e dos ribeiros; Nereidas, sufixo ‘-id-’, cuja forma plena é ‘-ides’, e denota patronímico, ou seja, ‘as filhas de Nereu’. Nereu tem o epíteto de “o velho do mar”, ‘hálios guéron’, ou ainda *Proteu, o primeiro,*

o mais antigo. As Oréadas, das montanhas; Potâmidas, dos rios; Creneias, das fontes; Pegeias, das nascentes; Limneidas, dos lagos; Dríadas e Hamadriadas, das árvores e dos carvalhos.

Públio Ovídio Nasão, *Publius Ovidius Naso*, ou simplesmente Ovídio (43 a. C a 18 d. C.), nas *Metamorfoses*, do verso 340 a 510, do Livro III, nos dá a seguinte versão do mito de Narciso, cuja etimologia nos é indicada por Junito Brandão (1987), assim *Narciso, do grego Νάρκισσος, (Nárkissos)*, e comenta que deve ser u um empréstimo, como indica o sufixo -ισσος (-issos); -‘narke’ significa “entorpecimento, torpor” (...) ‘nárke’ será a base etimológica de nossa palavra narcótico e toda uma vasta família com elemento ‘narc-’. (Idem).

Preferimos nos ater aos hexâmetros datílicos das *Metamorfoses*<sup>1</sup> do seu texto latino, mas com alguma pequena lacuna para o trabalho não ficar muito extenso, já que o poeta de Sulmona constrói uma linguagem poética e fácil de se acompanhar, mais ou menos como exponho a segui. Antes uma observação: temos inclusive uma certa convicção que foi a leitura preferida por Sigmund Freud (1856 – 1939), para construção do complexo de narcisismo.

## 2 – Eco e Narciso

Tirésias,<sup>2</sup> cuja fama era bastante célebre pela Aônia, dava para o povo que pedisse respostas oraculares irrepreensíveis. Lírope que Cefiso outrora enlaçou e a abraçou com força, colheu da fidelidade da voz segura dele as primeiras provas. A belíssima ninfa levou no útero uma criança, que já então estava amada e se chama Narciso. Consultado sobre isto, se haveria de ver longos tempos na velhice, o vate respondeu: “Si se non nouerit / uiderit, se ele não se conhecer / vir” (lê-se no aparato crítico: no manuscrito *A está nouerit* e no *sH está uiderit*, conforme p. 80, edição Les Belles Lettres)

O verso 350 e seguintes, há o relato de Ovídio, que, durante longo tempo as palavras do águare pareceram vãs; a consequência, bem como o fato, a (a profecia) justifica: a natureza de seu estranho delírio e da morte de Narciso. Assim, aos quinze anos, Narciso acrescentou um fato: o jovem rapaz era visto também como um jovem homem e entre as pessoas jovens, muitas jovens moças o desejavam; mas (houve na sua forma delicada tão duro orgulho) nenhuma das pessoas jovens o tocava e nem as jovens moças também. (V. 356) Enquanto Narciso agitava nas redes de caça cervos temerosos, a ninfa Eco, de voz que ressoa, e que não aprendeu a se calar perante aquele que está com a palavra e nem mesmo sabe falar por primeiro, o vê. Eco sem palavras, (mas) até então Eco tinha corpo; entretanto, (V. 360) sua tagarelice, que agora não existe mais, tinha outra utilização das palavras: podia repetir de muitas apenas as últimas palavras. Juno fizera isso, porque, como poderia

surpreender nas montanhas as ninfas enquanto frequentemente acariciavam Júpiter, ela, a ninfa Eco, que sabia (de tudo) retinha a deusa com longa conversa, (V. 365) enquanto as ninfas fugiriam/ fugiam. Depois que a filha de Saturno percebeu isso: “O pouco poder desta língua, que me enganou, a ti será dado um brevíssimo uso das palavras”, disse. E (a deusa) confirma a ameaça com o fato; ela, entretanto, redobra e repete as palavras ouvidas no fim do discurso.

(V. 370) Portanto, quando viu Narciso enquanto vagava pelos campos afastados e ardeu de paixão por ele, seguiu seus passos furtivamente; e quanto mais o segue, a chama do amor mais intimamente ardia. Nem de outro modo que os enxofres rápidos consomem as chamas próximas untadas nas extremidades dos pinhos. (V.375) Oh! o quanto quis ela se aproximar com palavras brandas e acolhê-lo com súplicas suaves. A natureza dele (a) repugna. Nem permite que se comece; mas, o que ele permite/pertiria, ela se aproveitou a espreitar os sons dele aos quais ela poderia devolver.

Por acaso, o rapaz, separado da turma dos seus fiéis companheiros, (V.380) disse: “Quem se apresenta (aí)?” e “apresenta” respondeu Eco, Ele a destrata, e quando ele olha para todas as partes, chama com voz mais alta: “Venha!”; ela retruca que venha; e olha e não vê, de novo, ninguém chega: “Por que”, disse, “foges de mim?” e precisamente tantas palavras disse, quantas palavras recebeu de volta. (V. 385) Insiste e irritado na reprodução da sua voz alternada: “Aqui, nos reunamos!”, disse, e com mais prazer Eco, que nada havia de responder em algum momento, devolveu “reunamos”. Ela mesma se auto-aprova nas suas palavras e fora do bosque vai, para que se lançasse os braços ao pescoço esperado. (V. 390) Ele foge e, enquanto foge, diz, “tire as mãos que me abraçam, antes eu morra do que a possibilidade de me teres.” Ela não respondeu nada, a não ser “do que a possibilidade de me teres.” Desprezada, esconde-se nas selvas, não só envergonhada protege seu rosto sob as folhagens, como também vive, desde então, em antros solitários. (V. 395) Mas também o amor por ele se arraiga no seu coração e cresce pela dor da repulsa. As preocupações intensas extenuam seu corpo miserável; a fraqueza enruga sua cútis e o todo vigor do corpo se esvai. Apenas restam a voz e os ossos. A voz permanece; dizem que os ossos se transformaram em pedra. (V. 400) Daí, esconde-se nas selvas e não se vê nos montes; é ouvida por todos: um som vocal, é o que sobrevive nela.

Ele desdenha, assim foi esta, assim outras ninfas nascidas das águas e das montanhas, assim também, antes, uma multidão desdenhada de jovens homens. Por isso, alguém elevando as mãos aos ares: (V. 405) “Assim, seja permitido que ele ame a si próprio, e desse modo não se apodere do objeto amado.” Tinha dito. A deusa de Ramonte (Nêmesis) acolhe os justos pedidos. Havia uma fonte sem limo, argêneas águas brilhantes nascidas de

um monte, as quais nem pastores nem rebanho de cabras de pasto maculavam; estas águas (V. 410) nenhuma ave ou fera turvava, nem mesmo ramo caído de uma árvore. Era cercada de grama, o que alimentava a umidade próxima e a selva fazia-se tépida sem sofrer os raios de um sol. Aqui o rapaz, cansado pelo esforço de caçar e pelo calor do verão, inclinou a face e acompanhou a fonte do lugar. (V. 415) Tanto enquanto desejou apaziguar a sede, cresceu uma outra sede; (como a que) enquanto bebe, foi arrebatado pela imagem da forma vista, (então) ama essa esperança sem corpo; o corpo pensa existir o que está na água. Admira-se a si mesmo e contempla naquele rosto imóvel, como uma estátua formada de mármore proveniente de Paros. Estendido no chão, olha o gêmeo, seus olhos, duas estrelas. (V. 420) Seus cabelos tão dignos de Baco, quão digno de Apolo; sua face lisa, seu pescoço ebúrneo, sua boca graciosa e o rubor misturado ao branco níveo. Extasia-se diante de todas essas coisas nas quais ele próprio se admira.

(V. 425) Sem perceber, ele deseja a si mesmo e, nisso, quem examina é que é examinado. Enquanto se dirige a ele, é dirigido a si mesmo e igualmente se inflama e se excita. Quantas vezes deu beijos vãos para a fonte falaciosa! Quantas vezes mergulhou para pegar o seu pescoço que viu no meio das águas, sem se encontrar nelas! (V. 430) O que vê ele? Ignora; mas o que vê, o consome. E o mesmo erro que o engana, o incita. Ingênuo, por que tentas pegar em vão uma imagem fugaz? Buscas algo em nenhuma parte; amas algo, volte-o a ti mesmo e ele se esvai. Esta é uma forma de imagem refletida, que percebe. (V.435) Não tem esta forma reflexo de si mesmo: volta contigo e permanece contigo mesmo; separa-se de ti, se puderes tu te separar. Nem o cuidado de Ceres (deusa do cereal, daí o alimento), nem o cuidado com o descanso pode tirá-lo dali. Porém, estendido sobre a relva espessa, ele contempla a forma mentirosa com olhos insaciáveis; (V. 440) ele perece por causa dos seus próprios olhos; ligeiramente elevado, estendendo seus braços para as selvas circunstantes; “acaso, alguém amou, ó florestas, mais cruelmente? Vós sabeis, pois, vós fostes refúgio oportuno para muitos amores. E quem por acaso lembrais nessa longa jornada, depois que se vivem os vossos séculos, (V. 445) quem assim se consumiu? Entretanto, não encontro tanto o que me encanta quanto o que contemplo; mas o que vejo me encanta; tamanho erro pertence a quem ama.” E também se torna mais doloroso: não nos separa um vasto mar, nem longas estradas, nem montanhas e nem as muralhas de portas fechadas; (V.450) nos impede uma água exígua.

### 3 – Breve Interpretação

Há uma outra versão apresentada pelo grego Pausânias (II a.C.). Narciso seria irmão gêmeo de uma menina muito parecida com ele e a quem amava. Da morte prematura dela, Narciso lhe guardou uma imensa dor. Um

dia, vendo-se na fonte de Téspias, acreditou estar vendo a própria irmã e não mais se afastou dali.

*Apud* (BRANDÃO, 1987, 173), conforme Murray Stein, *várias associações se poderiam fazer com a flor narciso: ela é “bonita e inútil”; fenece, após, uma vida muito breve; é “estéril”; tem um “perfume soporífero” e é venenosa, tal qual o jovem Narciso, que, carente de virtudes masculinas, é estéril, inútil e venenoso.*

Emblemática da felicidade na Ásia, a flor do narciso é expediente para expressar votos de bom ano, conforme CHEVALIER & GHEERBRANDT; e, ainda com estes Autores do *Dicionário de Símbolos*, na Bíblia, tanto o narciso quanto o lírio caracterizam a primavera e a era escatológica (*Cântico*, 2, 1). Também são os mesmos que arrolam o caráter inferior de sua simbolização, afirmando que tal flor torna presente a queda de Narciso nas águas em que se mira com prazer: *disso advém que se faça da flor, nas interpretações moralizantes, o emblema da vaidade, do egocentrismo, do amor e da satisfação consigo próprio.*

Este sentido de vaidade, egocentrismo e satisfação consigo mesmo está em Freud em 1910, para explicar a escolha de objecto nos homossexuais; estes “... tomam-se a si mesmos como objecto sexual; partem do narcisismo e procuram jovens que se pareçam com eles, e a quem possam amar como a mãe os amou a eles. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988: NARCISISMO). Ainda são este dois psicanalistas freudianos que nos dizem o seguinte, neste verbete:

*Se quisermos conservar a distinção entre um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma anárquica, independentemente umas das outras, e o narcisismo, em que é o ego na sua totalidade que é tomado como objecto de amor, somos assim levados a fazer coincidir a predominância do narcisismo infantil com os momentos formadores do ego.*

Os filósofos também estudaram-no longamente, embora simplificando um pouco mais. Assim, a água, na sua lâmina espelhada, reflete as profundezas do eu, tal reflexo trai uma tendência à idealização. (CHEVALIER & GHEERBRANDT)

A linha junguiana, *apud* Junito Brandão em sua *Mitologia Grega*, nos dá o seguinte argumento: *Se Narciso vai ser um símbolo central de permanência em si mesmo, Eco, ao revés, traduz a problemática da vivência de oposto.* Observa, então, que, para a compreensão do mito, ambos, Narciso e Eco, formariam uma *relação dialética de opostos complementares, não só do masculino e feminino, mas sobretudo de sujeito e objeto, de algo que permanece em si mesmo e de algo que permanece no outro.* Além de tudo, lembremos que o relato mítico de Eco se liga a divergência entre Zeus e Hera,

em cuja atuação mítica Hera castiga Eco, porque esta é cúmplice dos adultérios de Zeus. Tudo o que se disse não é oriundo de uma causa, mas de um fato: o rompimento do sagrado, como concorda J. Brandão quanto à argumentação de Dr. Carlos Byington, ao citá-lo na página 179: *dissociação real entre o pai e a mãe dos deuses de dos homens*. E prossegue neste discurso do seguinte modo:

*Narciso e Eco são dois caminhos provenientes de uma raiz comum, do sofrimento cultural, e que buscam, através de suas peripécias, se encontrar e se resolver. Acontece que como se encontram e não se resolvem, e mais ainda, se separam, nos fica desse encontro-desencontro a marca de uma discórdia e de uma tragédia, que muito nos elucidam sobre a realidade do homem e da mulher, realidade da relação conjugal e, mais que tudo, a realidade e do desenvolvimento psicológico da personalidade individual e da cultura.*

Tornou-se clássico listar o mito de Narciso nas lendas de Eros, mas cumpre fazer uma distinção: a natureza do amor de Narciso. Ele repudia Eco, que define e se transforma num rochedo; as outras ninfas pediram vingança a Nêmesis. Ele, então, se apaixona pela imagem refletida na fonte Téspias, que é a sua, mas ele não sabe, ou seja, *inprudens*, como o diz Ovídio. Tirsias havia profetizado, conforme relato de Ovídio: *Si non se uiderit, se ele não se vir...* Nêmesis, a justiça distributiva, atendeu às súplicas: lhe proporcionou um amor impossível. Uma escolha equivocada do objeto de amor. Desviou-se da recomendação de Eros quanto ao investimento de energia no ato de amor: uma pulsão que deve ser dirigida ao *outro*. A desconfiança de que seja ele próprio o leva a um desenlace trágico, lembra bem *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. A personagem do escritor irlandês se caracteriza pela vaidade excessiva, pelo gosto pela novidade, a qual considerava uma arte de viver... Assim, nas suas relações sociais, nada sobrevive, mas sempre procurará caminhos e atalhos que tocarão na sensibilidade dos interlocutores com os quais conviva, mas, em seguida, descarta-os. Suas perversões ou relações eróticas se acumularão apenas no retrato e, ele, Dorian Gray, no entanto, não ficará sequer com uma cicatriz, nem mesmo o brilho dos olhos serão atingidos, e estes, quando se buscam no espelho, se deslumbram com a própria beleza. Cabe bem aqui o pensamento do Prof. Junito Brandão:

*Nesse caso, a “libido” deixa de se dirigir ao objeto, ao “outro”, e retroage a uma atividade endopsíquica: assim, Narciso teria cometido um como que incesto intrapsíquico. Do ponto de vista subjetivo de Narciso, seu amor é orientado para um objeto, pois que ele descobriu uma face humana de uma beleza arrebatadora e por ela se apaixonou. (...) Tal descoberta leva-o*

*ao desespero e à morte, por uma reflexão “patológica”. “Reflectere”, de “re”, “novamente, e “flectere”, “curvar-se”, significa, etimologicamente, “volta para trás”, donde “reflexus”, “re-flexo”, retorno, e “reflexio, -onis”, “inclinação para trás”. Jung acentuou bem o que ele compreende por reflexão: ‘O termo reflexão não deve ser entendido como simples ato de pensar, mas como atitude.’”*

Sobre esse grau de vaidade que afasta o ser humano totalmente de um ato de piedade, Luís Vaz de Camões, no canto III, de *Os Lusíadas*, também abordou:

*Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres, e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.*  
(129-132)

Os lamentos da morte de Eco foram profundos:

*(...)Planxere sorores*

*Naidēs et sectos fratri posuere capillos;  
Planxerunt dryades plangentibus adsonat Echo.*

*(...) Prantearam-na as irmãs*

*Náiades e, ao cortarem os cabelos, os consagraram à irmã;  
As dríades lamentaram-na; nos lamentos elevaram com a voz o nome de  
Eco.*

Também: *As filhas do Mondego, a morte escura / Longo tempo chorando, memoravam (...)* (Camões, III, 135 – 136)

*Se Eco se transformou num rochedo, (...) E, por memória eterna, em fonte pura / As lágrimas choradas transformaram (...)* (Ibidem, 137-8)

Para concluir, vale citar umas observações do Prof. Junito. Se Eco se perdeu por Narciso, por uma flor narciso se perdeu Perséfone. Plutão se aproveitou da convivência de Zeus e da espontaneidade de Perséfone que vinha colhendo flores, mas distanciada das companheiras costumeiras e tentou colher um narciso a beira de um precipício, ao tentar apanhá-la, caiu no abismo e foi recolhida pela carruagem de Plutão. Complementa Junito Brandão: *Na realidade, foi o perfume estupefaciente do narciso que embriagou Perséfone e arrastou-a para as trevas.* (1987: 181)

Ovídio, nos *Fastos*, dessa vez em dísticos elegíacos, nos dá uma idéia do local em que Plutão raptou Perséfone:

*Tot fuerant illic, quot habet natura, colores,  
Pictaque dissimili flore nitebat humus.*

*Havia tantas cores ali, quantas a natureza possui,  
E a terra colorida brilhava com floração múltipla.* (Les Fastes, IV, 429-30)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.  
\_\_\_\_\_. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols. I-II.  
\_\_\_\_\_. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis, Vozes, 1993.  
CAMÕES, Luís Vaz. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1977.  
CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Trad. de J. Guinsburg e M. Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.  
CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.  
CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.  
CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionários de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.  
DUMÉZIL, Georges. *Du Mythe au Roman*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.  
ECO, Humberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1974.  
ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.  
\_\_\_\_\_. *História das Crenças e das idéias Religiosas*. Trad. Roberto C. de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 2 v.  
\_\_\_\_\_. *Mito do Eterno Retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryom, 1992.  
LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Colaboração na terminologia: Dr. João Santos. São Paulo: Martins Fontes, 1988.  
OVIDE. *Les Metamorphoses*. Tome I: (I – V). Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1961.  
OVIDE. *Les Fastes*. Traduction nouvelle. Introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier, s/d.  
VIRGILE. *L'Énéide*. Nouvelle édition revue et augmentée avec introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat. Paris: Garnier Frères, 1947. Vols. I e II.

#### Notas

<sup>1</sup> A responsabilidade da tradução é nossa. É a única obra ovidiana nessa medida de hexâmetro datílico. As outras são em pentâmetro elegíaco.

<sup>2</sup> O texto latino do poeta Ovídio utilizado neste trabalho foi o estabelecido por Georges Lafaye que observa que: *On ne connaît point de poète qui ait traité avant Ovide la légende de Narcisse, Non se conhece poeta que tenha tratado antes de Ovídio a lenda de Narciso*.

## AS RELAÇÕES DE ASSIMETRIA PRESENTES NAS FÁBULAS DE FEDRO SOBRE A PREPOTÊNCIA

Profa. Aline Chagas dos Santos (UFRJ)

### RESUMO:

A presente pesquisa tem como objeto a análise de algumas fábulas de Fedro sobre a prepotência, um dos costumes da sociedade na época do autor, que apresentam uma relação de assimetria entre os personagens. Julgamos que nas fábulas, veem-se refletidos os costumes corrompidos da vida humana, representados através das atitudes dos animais. Neste trabalho, serão feitos alguns comentários históricos, literários e estilísticos.

**Palavras-chave:** Fábula; Prepotência; Relação de Assimetria; Fedro

### 1. A FÁBULA

Do latim *fabula* (assunto de conversação, conversa), tendo como característica forte a oralidade, a fábula é uma pequena narrativa, cujas personagens são, na maioria das vezes, animais. Esses representam alegoricamente características dos seres humanos a fim de pregar suas virtudes ou criticá-los com um fundo moral, uma vez que há uma preocupação em expor os problemas em nosso cotidiano, retirando disso alguma lição.

Nas fábulas, encontramos temas como a inveja, a falsidade, a astúcia, a ganância, o abuso de poder etc. Esse tipo de literatura procura demonstrar as falhas e os valores dos indivíduos.

Quando o autor utiliza animais como personagens, geralmente escolhe o leão, o lobo ou a raposa para representar os mais fortes, ao passo que a ovelha, a lebre ou o asno para representar os menos fortes, os submissos. “Seus personagens, de diferentes origens, tendem a formar um conjunto mais ou menos homogêneo, dividido em dois grupos: aquele dos fracos, às vezes triunfadores pelo seu engenho ou destreza, e o dos fortes, que podem ser vencidos, mas nem sempre. A fábula nos apresenta o abuso do poderoso, a vaidade, a cobiça ou a estupidez dos que são satirizados.” (VIEIRA, 1992:12).

Segundo a professora doutora Ana Thereza Basílio, encontramos uma grande uniformidade de títulos. Eles apresentam geralmente os personagens em jogo como, por exemplo, uma das fábulas de Fedro, “Lupus et Agnus”. Mesmo que os personagens estejam unidos por uma conjunção coordenativa “e”, os dois personagens são imediatamente percebidos como mantenedores de uma relação de oposição, como um sujeito e um antissujeito. É por esse motivo que os textos das fábulas provocam uma reflexão sobre os